

## A VEGETAÇÃO ARBÓREA DO PARQUE ESTADUAL DO MORRO DO DIABO, MUNICÍPIO DE TEODORO SAMPAIO, ESTADO DE SÃO PAULO.

João Batista Baitello (1)  
João Aurélio Pastore (1)  
Osny Tadeu de Aguiar (1)  
Francisco Corrêa Sérgio (1)  
Carlos Eduardo F. da Silva (1)

**RESUMO** – Fez-se o levantamento florístico da vegetação arbórea da floresta mesófila do Parque Estadual do Morro do Diabo, Município de Teodoro Sampaio, Estado de São Paulo (22°30'S, 52°20'W) pelos métodos de quadrantes e parcelas, incluindo as árvores com diâmetro à altura do peito igual ou superior a 10 cm. A utilização dos dois métodos deu-se em função das características fisionômicas, solo e drenagem dos locais amostrados. O método de quadrante envolveu 462 pontos com intervalos de 30 m., e o método de parcelas ca. 26.900 m<sup>2</sup> (ca. 2,7 ha.). Os parâmetros fitossociológicos serão abordados em futuros trabalhos. Os dados florísticos subsidiaram o reassentamento dos grupos faunísticos, em especial o *Leontopithecus chrysopygus* Mikan, 1823 (mico-leão-preto), dentro das áreas remanescentes. O "check list" inclui também algumas espécies coletadas aleatoriamente em outras áreas do Parque. Constatou-se nas áreas de amostragem e adjacentes 113 espécies, 95 gêneros e 42 famílias, das quais 6 contribuíram com 56% das espécies levantadas. As famílias mais representativas no Parque, envolvendo todos os locais de coleta são: Leguminosae (13 Faboideae, 6 Caesalpinioideae e 6 Mimosoideae), Rutaceae 11, Meliaceae 8, Lauraceae 7, Euphorbiaceae 7 e Myrtaceae 6. A listagem das espécies revela que o Parque Estadual do Morro do Diabo apresenta uma vegetação de grande heterogeneidade florística.

**ABSTRACT** – In a mesophyll forest at the State Park of "Morro do Diabo", in the municipality of Teodoro Sampaio, State of São Paulo (22°30'S, 52°20'W) the floristic composition was surveyed. The point centered quarter and quadrant methods were used to survey trees with a diameter equal or greater than 10 cm at breast height. These methods were used as a function of soil features, drainage and physiognomical characteristics of the place where the samples were taken. The quarter method sampled 462 points with intervals of 30 m, and the other one had an area of approximately 26.900 m<sup>2</sup>. The phytosociological parameters will be reported in a future paper. The floristic data were important to the resettlement of faunistic groups, particularly *Leontopithecus chrysopygus* Mikan, 1823 ("mico-leão-preto") within remaining areas. The check list also included some species collected in other areas of the Park. There were verified in the sampling areas and surroundings, 113 species, 95 genera and 42 families of trees. Six (6) families contributed with 56% of the total number of species. The most representative families in the Park were the following: Leguminosae 25 (13 Faboideae, 6 Caesalpinioideae and 6 Mimosoideae), Rutaceae 11, Meliaceae 8, Lauraceae 7, Euphorbiaceae 7 and Myrtaceae 6. The checklist showed that the State Park of "Morro do Diabo" has a great floristic heterogeneity.

**Key-words:** forest, floristic composition, State Park of "Morro do Diabo".

### Introdução

O Parque Estadual do Morro do Diabo foi criado originalmente como Reserva Estadual e contava com 37.156,68 ha. de área (Campos & Heinsdijk 1970). Face à necessidade de construção do reservatório para a Usina Hidrelétrica de Rosana, da Companhia Energética de São Paulo, foram desapropriados 3.000 ha. às margens do rio Paranapanema.

Transformada em Parque Estadual, a área conta atualmente com 34.156,68 ha. (SÃO PAULO, Leis, decretos, etc. 1986). Parte dessa área é coberta por mata de planalto com interfaces com cerradão. Segundo IBGE (1970), a vegetação original da região é enquadrada na Formação Floresta Semi-Úmida do interior.

A topografia, levemente ondulada, é quebrada com a presença da elevação denominada "Morro do Diabo" que alcança 300 m. acima do nível das águas adjacentes (Deshler 1975). Segundo Ventura et al. (1965-66), predomina o solo tipo latossolo vermelho-escuro, fase arenosa (LEa). Referem ainda que o clima é quente de inverno seco (Cwa, na classificação de Köppen), com precipitação média anual de 1130 mm.

Campos & Heinsdijk (1970) consideraram a vegetação da então Reserva Estadual como um dos últimos remanescentes florestais do planalto ocidental do Estado de São Paulo. Para a elaboração do plano de manejo, inventariaram a vegetação, classificando-a em 6 (seis) tipos arbóreos e 1 (hum) herbáceo-arbustivo. A identificação das espécies florestais envolvidas no inventário deu-se com base unicamente no lenho, o que resultou numa listagem apenas aproximada das famílias e gêneros locais (Mainieri 1970).

O levantamento florístico ora apresentado, com base em parâmetros fitossociológicos, possibilitou um conhecimento mais amplo da vegetação arbórea, fornecendo subsídios aos trabalhos de reassentamento de grupos faunísticos que por força da inundação, em parte da área estudada, foram deslocados para novas áreas floristicamente semelhantes.

## Material e Métodos

A área estudada localiza-se no Município de Teodoro Sampaio, Estado de São Paulo, nas coordenadas 22°30' lat. Sul e 52°20' long. Oeste de Greenwich (Fig. 1).



Fig. 1 – Localização do Parque Estadual do Morro do Diabo no Estado de São Paulo.

O projeto foi desenvolvido nos 3.000 ha. da então Reserva Estadual do Morro do Diabo, cujos restantes 34.156,68 ha. hoje compreendem o Parque Estadual do Morro do Diabo. Trata-se de uma faixa marginal do rio Paranapanema, que abrangeu aquela Unidade, conforme outorgado à Companhia Energética de São Paulo, através do Decreto Federal nº 81.689, de 19 de maio de 1978. Tal concessão deu-se para o aproveitamento de energia hidráulica de trechos daquele rio, no caso a construção do Reservatório Hidrelétrico de Rosana. A legislação vigente determina a destoca e consequente limpeza das bacias hidráulicas artificiais, razão pela qual foi considerado prioritário o início dos estudos na faixa de 3.000 ha.

Foram instaladas 10 (dez) áreas de amostragem fitossociológica, cuja localização baseou-se na fitofisionomia e na existência de espécies de fauna em extinção como o mi-co-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus* Mikan, 1823).

Face ao período extremamente curto para levantamento da vegetação, tendo em vista o desmatamento e posterior inundaçãõ, utilizou-se os métodos de distâncias e de parcelas, conforme o tipo do material vegetal a ser levantado (mata densa, mata rala ou mata com sub-bosque denso) e das facilidades de instalação (terreno firme, terreno úmido ou terreno recoberto por duna lodosa). Assim, 4 (quatro) áreas de amostragem foram levantadas por parcelas e 6 (seis) por quadrantes.

Em ambos os casos utilizou-se como diâmetro mínimo à altura do peito (DAP) o valor de 10 cm. Cada indivíduo recebeu um número, sendo anotado a denominação vulgar regional e mensurados os parâmetros dendrométricos (altura e diâmetro).

Na utilização do método de quadrantes, a determinação da distância entre pontos de amostragem, deu-se a partir da metodologia descrita por Silva (1980). Foram medidas 100 (cem) distâncias entre árvores mais próximas. A distância máxima encontrada foi dobrada, optando-se por um valor final de 30 m. Em cada ponto foram plaqueadas, por quadrante, os indivíduos mais próximos com D.A.P. maior ou igual a 10 cm., correspondendo, portanto a 4 (quatro) árvores. O número de pontos por área de amostragem é apresentado a seguir:

A área de amostragem 4 com 78 pontos, foi instalada a montante de cota de inundaçãõ do Reservatório, na direção aproximada Leste-Oeste. Este procedimento objetivou o conhecimento do local, que posteriormente foi utilizado para reassentamento de animais capturados na área desmatada. No caso das áreas de amostragem 5-7, aproveitou-se a rede de picadas traçadas na direção Norte-Sul, da cota de inundaçãõ do Reservatório até a margem do rio Paranapanema, distanciadas de quilômetro em quilômetro, foram incluídos os seguintes número de pontos; área 5-175 pontos; área 6-73 pontos e área 7-102 pontos. As instalações das áreas de amostragem 9 e 10 não seguiram o mesmo critério, sendo das últimas a serem realizadas, quando então o desmatamento já estava bem adiantado. Portanto, foram traçadas procurando abranger fisionomias ainda pouco levantadas no decorrer do trabalho, e abrangeram os seguintes números de pontos: área 9-19 pontos e área 10-15 pontos. A Figura 2 ilustra a localização das áreas de amostragem, que tiveram um total de 462 número de pontos.

No levantamento por parcelas utilizou-se a forma retangular de 60 m x 75 m (área de amostragem 1 e 3), outra de 40 m x 100 m (área de amostragem 8) e uma irregular de 13.899,50 m<sup>2</sup> (área de amostragem 2). Esta heterogeneidade se justifica. A parcela de forma irregular é consequência de uma "ilha" de mata residual, circundada por larga extensão de terras recobertas por vegetação graminóide. Foram levantados todos os indivíduos arbóreos existentes nesta porçãõ, com DAP mínimo de 10 cm. Nas áreas de amostragem 1 e 3 utilizou-se a forma de 60 m x 75 m, tendo em vista a facilidade de instalação e acréscimo para o estabelecimento da curva área x espécie. A área de amostragem 8, de 40 m x 100 m, é objeto de levantamento preliminar, executado anteriormente, cujos dados foram recuperados e incorporados ao presente trabalho. Todas as parcelas foram subdivididas para fins de análise da curva nº de espécies x área amostrada e nº de espécies x nº de parcelas.

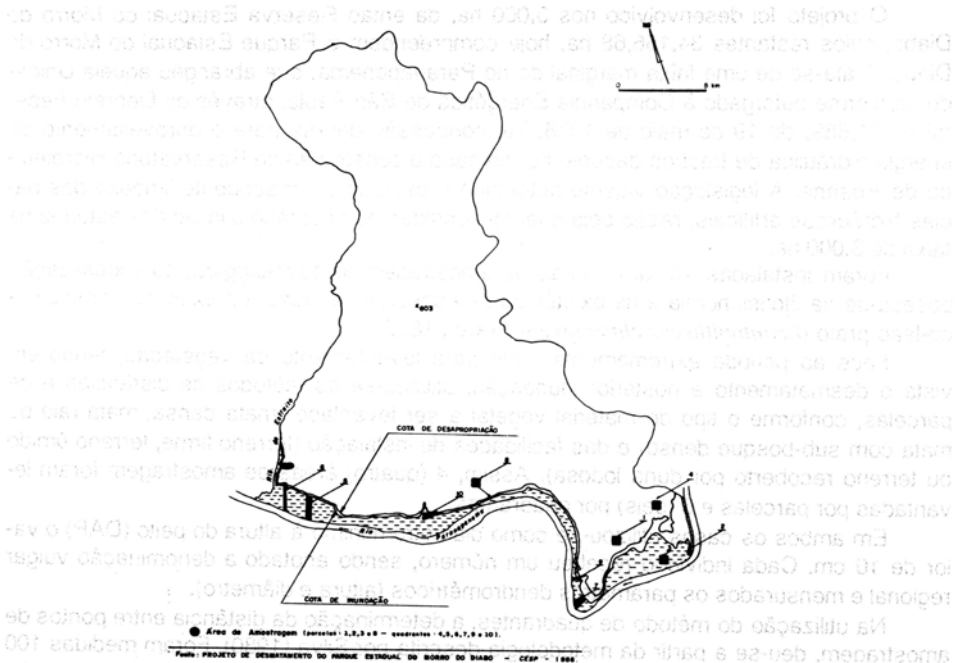


Fig. 2 — Localização das áreas de amostragem no Parque Estadual do Morro do Diabo.

A análise fitossociológica da vegetação será feita com base na densidade, frequência, dominância e índice de valor de importância.

A utilização de 2 (dois) métodos de levantamento, parcela e quadrante, bem como parcelas de diferentes formas e tamanhos, permitirá uma rica discussão sobre a aplicabilidade dos mesmos, bem como a comparação dos resultados encontrados.

O levantamento florístico foi executado preferencialmente nas áreas de amostragem, estando o material coletado depositado no Herbário D. Bento Pickel (SPSF), do Instituto Florestal, e no Herbário da Companhia Energética de São Paulo (CESP), localizado em Promissão (SP).

A identificação do material botânico foi feita mediante consulta à literatura especializada, em herbários e, através de especialistas.

O material lenhoso foi retirado através de método não destrutivo, com a ajuda de serra, formão e macete, aplicando-se no local da retirada da amostra, solução de 8% de pentaclorofenol em querosene, evitando-se assim o ataque de organismos xilófagos. As amostras coletadas, num total de 203, estão depositadas na Xiloteca (SPSFw) do Instituto Florestal.

A identificação do material lenhoso foi elaborada a partir do próprio material e também através de cortes histológicos.

## Resultados

O levantamento florístico realizado nas áreas amostradas e, a partir das coletas aleatórias nas demais regiões do Parque Estadual do Morro do Diabo, revelou grande heterogeneidade de espécies no estrato arbóreo. Quer-se com a inclusão das coletas aleatórias fora da amostragem, representar o maior número possível de espécies. Na ocasião da publicação do tratamento fitossociológico, será feita menção a elas, sem no entanto, quantificá-las.

As espécies encontradas são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Relação das espécies levantadas no Parque Estadual do Morro do Diabo, Teodoro Sampaio (SP), com suas respectivas famílias e nomes vulgares regionais.

FAMÍLIAS/ ESPÉCIES	NOMES VULGARES
ANACARDIACEAE <i>Astronium graveolens</i> Jacq. <i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	guarité peito-de-pombo
ANNONACEAE <i>Duguetia lanceolata</i> St.-Hil. <i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	pindaíba pimenta-de-macaco
APOCYNACEAE <i>Aspidosperma cylindrocarpum</i> Müller Arg. <i>Aspidosperma polyneuron</i> Müller Arg. <i>Peschiera fuchsiaefolia</i> Miers.	peroba-poca peroba-rosa leiteiro
ARALIACEAE <i>Didymopanax morototoni</i> (Aubl.) Decais.	mandioqueira
BIGNONIACEAE <i>Tabebuia</i> sp. <i>Tabebuia avellanadae</i> Lorentz ex Grisebach. <i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bur.	ipê-amarelo ipê-roxo ipê-tabaco
BOMBACACEAE  <i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil.	paineira
BORAGINACEAE <i>Cordia ecalyculata</i> Vell. <i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab. <i>Patagonula americana</i> L.	canela-preta louro-pardo guaiuvira
BURSERACEAE <i>Protium heptaphyllum</i> March.	almécega
CARICACEAE <i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	jacaratiá
COMBRETACEAE <i>Terminalia</i> sp. <i>Terminalia brasiliensis</i> Eichl.	amarelinho-do-brejo
COMPOSITAE <i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabr.	

FAMÍLIAS/ ESPÉCIES	NOMES VULGARES
<b>ELAEOCARPACEAE</b>	
<i>Sloanea cf. gracilis</i> Vitt.	
<i>Sloanea guianensis</i> Benth.	urucum
<b>ERYTHROXYLACEAE</b>	
<i>Erythroxylum cf. myrsinitis</i> Mart.	
<b>EUPHORBIACEAE</b>	
<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) M. Arg.	roxinho
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) M. Arg.	tapiá
<i>Croton floribundus</i> Spreng.	capixingui
<i>Croton urucurana</i> Bail.	sangue-de-drago
<i>Sapium longifolium</i> M. Arg.	leiteiro
<i>Sebastiania edwalliana</i> Pax. et K. Hoff.	roxinho
<i>Savia dyctiocarpa</i> Müell. Arg.	guaraiúva
<b>FLACOURTIACEAE</b>	
<i>Casearia gossypiosperma</i> Briquet.	espeteiro
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	espeteiro
<b>GUTTIFERAE</b>	
<i>Rheedia gardneriana</i> Tr. et Pl.	limãozinho
<b>LAURACEAE</b>	
<i>Cryptocarya moschata</i> Nees.	canela-batalha
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) Macbride.	canelão
<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.) Mez.	canelinha
<i>Nectandra membranacea</i> (Sw) Griseb. ssp. <i>cuspidata</i> (Nees) Rohwer	canela-amarela
<i>Ocotea corymbosa</i> (Meissn.) Mez.	canela
<i>Ocotea diospyrifolia</i> (Meissn.) Mez.	canela
<i>Ocotea elegans</i> Mez.	canelinha-cheirosa
<b>LECYTHIDACEAE</b>	
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) O.Ktze	jequitibá-branco
<b>LEGUMINOSAE CAESALPINIOIDEAE</b>	
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vog.) Macbr.	carapa
<i>Cassia ferruginea</i> Schrad.	canafístula
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	óleo-de-copaíba
<i>Holocalyx balansae</i> Mich.	alecrim-de-campinas
<i>Hymenaea</i> sp.	
<i>Hymenaea</i> sp.	
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taubert.	guarucaia
<i>Senna macranthera</i> (Colled.) I. et B.	manduirana

FAMÍLIAS/ ESPÉCIES	NOMES VULGARES
<b>LEGUMINOSAE FABOIDEAE</b>	
<i>Erythrina crista-galli</i> L.	suinã
<i>Lonchocarpus guilleminianus</i> (Tul.) Malme	feijão-crú
<i>Lonchocarpus leucanthus</i> Burkart.	embira-de-sapo
<i>Machaerium brasiliensis</i> Vog.	sapuvão
<i>Machaerium nictitans</i> (Vell.) Benth.	bico-de-pato
<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vog.	sapuva
<i>Myrocarpus frondosus</i> Fr. Allem.	óleo-pardo
<i>Myroxylon balsamum</i> (L.) Harms	cabreúva
<i>Platypodium elegans</i> Vog.	amendoim-do-campo
<i>Poecylanthe parviflora</i> Benth.	coração-de-negro
<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	sucupira
<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	amendoim-bravo
<i>Sweetia fruticosa</i> Spreng.	guaíçara
<b>LEGUMINOSAE MIMOSOIDEAE</b>	
<i>Acacia polyphylla</i> DC.	monjoleiro
<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	angico-preto
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	tamboril
<i>Inga marginata</i> Willd.	
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan.	angico-vermelho
<i>Pithecellobium edwallii</i> Hoehne.	farinha-seca
<b>MAGNOLIACEAE</b>	
<i>Talauma ovata</i> St.-Hil.	baguaçu
<b>MALVACEAE</b>	
<i>Bastardiopsis densiflora</i> (Hook et Arn.) Hassler.	algodoeiro
<b>MELASTOMATACEAE</b>	
<i>Miconia latecrenata</i> (DC.) Naud.	jacatirão, tangará
<b>MELIACEAE</b>	
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. ssp. <i>canjerana</i>	canjerana
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro-rosa
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl. subsp. <i>tuberculata</i> (Vell.) Penn.	
<i>Trichilia casaretti</i> C. DC.	
<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.	amarelinho
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss. subsp. <i>elegans</i>	
<i>Trichilia pallida</i> Swartz.	marinheiro
<b>MORACEAE</b>	
<i>Cecropia</i> cf. <i>cinerea</i> Miq.	embaúba
<i>Chlorophora tinctoria</i> (L.) Gaud.	taiúva
<i>Ficus enormis</i> (Mart. ex Miq.) Miq.	figueira-branca
<i>Sorocea ilicifolium</i> Miq.	canxim

cont.

FAMÍLIAS/ ESPÉCIES	NOMES VULGARES
<b>MYRTACEAE</b>	
<i>Calyptanthes</i> sp.	
<i>Campomanesia</i> cf. <i>maschalantha</i> Kiaersk.	gabirola
<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	
<i>Eugenia</i> cf. <i>punicifolia</i> (H.B.K.) DC.	
<i>Myrceugenia ovata</i> Berg.	pitanga
<i>Myrcia breviramis</i> (Berg.) Legr.	
<i>Myrcia rostrata</i> DC.	carvãozinho
<i>Myrciaria</i> sp.	cambui
<b>NYCTAGINACEAE</b>	
<i>Bougainvillea arborea</i> Glaziou	flor-roxa
<b>OLACACEAE</b>	
<i>Tetrastylidium englerii</i> Schwacke	mandigau
<b>OPILIACEAE</b>	
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers.	tátu
<b>PALMAE</b>	
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman.	coqueiro-tupi
<b>PHYTOLACACEAE</b>	
<i>Gallsia gorazema</i> (Vell.) Moq.	pau-d'alho
<b>POLYGONACEAE</b>	
<i>Ruprechtia laxiflora</i> Meissn.	falso-triplaris
<i>Triplaris surinamensis</i> Cham.	pau-de-formiga
<b>PROTEACEAE</b>	
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch.	carne-de-vaca
<b>POLYGALACEAE</b>	
1 espécie	
<b>RHAMNACEAE</b>	
<i>Colubrina rufla</i> Reiss	
<b>ROSACEAE</b>	
<i>Prunus sellowii</i> Koehne	pessegueiro-bravo
<b>RUBIACEAE</b>	
<i>Genipa americana</i> L.	genipapo



cont.

FAMÍLIAS/ ESPÉCIES	NOMES VULGARES
<b>RUTACEAE</b>	
<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	pau-marfim
<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	
<i>Helietha longifoliata</i> Britton	amarelinho
<i>Metrodorea atropurpurea</i> Fisch.	canela-de-cotia
<i>Metrodorea nigra</i> St.-Hill.	chupa-ferro
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	jaborandi
<i>Pilocarpus spicatus</i> St.-Hil. ssp. <i>spicatus</i>	jaborandi
<i>Zanthoxylum chiloperone</i> Mart.	mamica
<i>Zanthoxylum hiemale</i> St.-Hil.	mamica-de-porca
<i>Zanthoxylum</i> cf. <i>regnelianum</i> Engl.	mamica-de-porca
<i>Zanthoxylum riedelianum</i> Engl.	mamica-de-cadela
<b>SAPINDACEAE</b>	
<i>Allophyllus edulis</i> (St. Hil.) Radlk.	amarelinho
<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	correeira
<b>SAPOTACEAE</b>	
<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. et Eichler) Engl.	guatambú-de-leite
<b>TILACEAE</b>	
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	açoita-cavalo
<b>VOCHYSIACEAE</b>	
<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	pau-de-vinho
<b>ULMACEAE</b>	
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume.	pau-pólvora

Da análise da listagem apresentada, constata-se que a família mais representada na área, incluindo-se a de amostragem e adjacências, é Leguminosae com 25 espécies (13 Faboideae, 6 Caesalpinioideae e 6 Mimosoideae). Desta, a subfamília Faboideae encerra o maior número de espécies de todas as famílias levantadas. Em seguida estão Rutaceae (11 espécies), Meliaceae (8 espécies), Lauraceae (7 espécies), Euphorbiaceae (7 espécies) e Myrtaceae (6 espécies). No conjunto as famílias citadas representam ca. de 56% do total das espécies incluídas na presente listagem. Tais espécies estão englobadas em 95 gêneros.

### Discussão e Conclusões

Campos & Heinsdijk (1970) realizaram o inventário florestal do Morro do Diabo com o fim de estabelecer um método de manejo daquela floresta. Inventariaram 0,4 ha. e, das espécies, computou-se o volume da madeira em pé, sem casca. Utilizaram árvores maiores de 25 cm de diâmetro ao nível do peito (DAP) e fuste acima de 4 m. Tais parâmetros são mais restritivos que os adotados no presente trabalho.

Coube a Mainieri (1970) a identificação das espécies, a partir da estrutura do lenho e casca. Segundo o citado autor, o estudo anatômico macro e microscópico pode contribuir para a solução de problemas de identificação mas, a definição da espécie, só poderá ser feita quando comparada com padrões de lenho classificados botanicamente. Muitas dúvidas acerca da identidade botânica das espécies foram resolvidas, pois coletou-se no presente trabalho, o lenho e o respectivo material botânico. Como era de se esperar, houve um acréscimo de 29 gêneros dos 55 identificados por Mainieri (1970), em vista da menor área de amostragem e de parâmetros mais restritivos estabelecidos por Campos & Heinsdijk (1970).

A diversidade genérica arbórea da floresta do Morro do Diabo situa-se dentro dos padrões de heterogeneidade das florestas do Estado de São Paulo, conforme Assumpção *et al.* (1982).

Os diferentes estudos nas florestas do Estado de São Paulo tem revelado que ao nível de famílias e, em certos casos de gêneros, as que apresentam maior riqueza florística são: Leguminosae, Myrtaceae, Rutaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae e Meliaceae.

Variações podem ocorrer, conforme relatam Bertoni *et al.* (1982), que concluíram que há diferenças entre matas inundáveis e não inundáveis, tanto ao nível de família quanto ao nível de espécie, em decorrência de comportamentos diferentes conforme o ambiente.

A heterogeneidade florística de nossas matas abriga um patrimônio genético ainda suficiente para qualquer investimento em processos de recuperação de áreas degradadas e estudos da potencialidade silvicultural das espécies florestais.

Tendo em vista que o presente trabalho desenvolveu-se basicamente em área de inundação periódica do rio Paranapanema, seu resultado originou uma listagem de espécies ocorrentes, potencialmente adequadas para o repovoamento das matas ciliares degradadas do Estado de São Paulo.

## Referências Bibliográficas

- ASSUMPÇÃO, C.T.; LEITÃO FILHO, H.F. & CESAR, O. 1982. Descrição das matas da Fazenda Barreiro Rico, SP. *Revta brasil. Bot.*, São Paulo, 5(1/2): 53-66.
- BERTONI, J.E.A.; STUBBLEBINE, W.H.; MARTINS, F.R. & LEITÃO FILHO, H.F. 1982. Nota prévia; comparação fitossociológica das principais espécies de florestas de terra firme e de várzea na Reserva Estadual de Porto Ferreira (SP). In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, Campos do Jordão - SP., set. 12-18, 1982. *Anais...Silvic. São Paulo*, São Paulo, 16A:563-571. Pt.1 (Edição Especial)
- CAMPOS, J.C.C. & HEINSDIJK, D. 1970. A floresta do Morro do Diabo. *Silvic. São Paulo*, São Paulo, 7:43-58.
- DESHLER, W.O. 1975. Recomendações para o manejo do Morro do Diabo. São Paulo, Instituto Florestal. *Public. IF*, 6. São Paulo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. 1970. *Mapa da Vegetação*. Departamento de Geografia.
- MAINIERI, C. 1970. Madeiras do Parque Estadual do Morro do Diabo. *Silvic. São Paulo*, São Paulo, 7: 147-150.
- SÃO PAULO. Leis, decretos, etc. 1986. Decreto nº 25.342 de 4 de junho de 1986. *Diário Oficial*, São Paulo, 96(104): 4, 5 de jun. 1986.
- SILVA, A.F. 1980. *Composição florística e estrutura de um trecho da mata atlântica de Ubatuba (SP)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- VENTURA, A.; BERENGUT, G. & VICTOR, M.A.M. 1965-66. Características edafoclimáticas das dependências do Serviço Florestal do Estado. *Silvic. São Paulo*, São Paulo, 4/5(4): 57-140.